

**José Mário Peixoto  
Santos - ZMario<sup>1</sup>**

# **Em busca do título de mestre:** autobiografia em performances

In search of the master's  
degree: autoiographical  
performances

En busca del título de  
mestre: autobiografía en  
performances

## Resumo

O presente texto descreve e analisa a performance “Em busca do título de mestre”, 2005 - 2007, série produzida entre a academia e a rua, e de como esse processo foi transformado pelo autor/artista numa performance duracional de caráter autobiográfico. Uma vez que o ato de escrever sobre o gênero performance exige uma abordagem multidisciplinar, envolvendo diversas áreas do conhecimento nas fronteiras da arte e da vida, o uso da linguagem poética e da metalinguagem foram recursos explorados em toda a composição textual.

**Palavras-chave:** Performance Art na Bahia. Autobiografia. Corpo. Arte Contemporânea.

## Abstract

The present text describes and analyzes the performance “In search of the master’s degree”, 2005 - 2007, series produced between the academy and the street, and how this process was transformed by the author/artist into an autobiographical durational performance. The act of writing about performance art requires a multidisciplinary approach involving several areas of knowledge on borders of the art and the life, so the use of poetic language and metalanguage were resources explored throughout the textual composition.

**Keywords:** Performance Art in Bahia. Autobiography. Body. Contemporary Art.

## Resumen

El presente texto describe y analiza la performance “En busca del título de mestre”, 2005 - 2007, una serie producida entre la academia y la calle, y cómo este proceso fue transformado por el autor / artista en una performance de larga duración y de carácter autobiográfico. Dado que el acto de escribir sobre el género performance requiere un enfoque multidisciplinario, involucrando varias áreas de conocimiento en las fronteras del arte y la vida, el uso del lenguaje poético y el metalenguaje fueron recursos explorados a lo largo de la composición textual.

**Palabras clave:** Performance Art en Bahía. Autobiografía. Cuerpo. Arte Contemporáneo.

---

<sup>1</sup> José Mário Peixoto Santos – ZMário é artista visual, performático e pesquisador da arte da performance. Graduado em Letras pela Universidade Católica do Salvador UCSal. Mestre em Artes Visuais (Teoria e História da Arte) pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia-UFBA. Doutor em Artes Visuais (Poéticas Transversais) pelo Programa de Pós-Graduação em Arte da Universidade de Brasília-UnB. Integrante do Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2549645402465002>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3843-8695?lang=pt>

Contato: [cafecomzmario@gmail.com](mailto:cafecomzmario@gmail.com)

Criei em mim várias personalidades. Crio personalidades constantemente. Cada sonho meu é imediatamente, logo ao aparecer sonhado, encarnado numa outra pessoa, que passa a sonhá-lo, e eu não.

Alberto Caeiro<sup>1</sup>

Escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir.

Gilles Deleuze e Félix Guattari

A obra artística (plástica, visual ou textual) é texto de prazer. Se para falarmos sobre uma obra de arte é preciso fazer outra obra, somos a favor de que o objeto-tese-arte seja sempre um pouco-muito arte. Um pouco porque é possível construir discursos sobre a técnica, a composição-estruturação da obra; é possível falar de desejo de equilíbrio/desequilíbrio; é possível pensar sobre cores em diálogo, o tempo de uma e de outra performance, sua raiva ou quietude, o agenciamento da cadeia de movimentos em um videoarte, etc. Tudo isso deve/pode ser feito com todo o cuidado para que a obra de arte em questão, o trabalho analisado permaneça pulsando.

Maria Beatriz de Medeiros

## Introdução

A *Performance Art*, surgida das diversas transformações sociais nas décadas de 1960 e 1970, é uma arte multidisciplinar com características e elementos provenientes de diversas linguagens artísticas – o que torna difícil a classificação e a apreensão desse gênero. Muitos artistas ao redor do mundo têm utilizado a arte da performance como um meio de expressão com temas que variam desde conteúdos autobiográficos, narcisistas, políticos, estéticos até os de puro entretenimento, explorando a imagem de um corpo permeável e aberto ao mundo. Esse gênero artístico vem buscando refletir sobre questões da contemporaneidade como uma expressão que dá visibilidade às características de uma cultura de simultaneidades, de espaço e tempo específicos. Estudada e divulgada em diversos centros de pesquisa ao redor do mundo, como no *Performance Studies*, departamento de artes da Universidade de Nova Iorque, a manifestação artística da performance é, muitas vezes, compartimentada em disciplinas que exploram as relações entre performance e autobiografia, performance e transe, performance e gênero, performance e tecnologias etc.

O presente artigo trata da pesquisa sobre a arte da performance, durante o curso de mestrado em artes visuais, no Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia-UFBA, e de como esse processo foi transformado pelo autor/artista numa performance duracional de caráter autobiográfico. Uma vez que o ato de escrever sobre o gênero performance exige uma abordagem multidisciplinar, envolvendo diversas áreas do conhecimento nas fronteiras da arte e da vida, o autor utilizou a linguagem poética e a metalinguagem como recursos para

---

<sup>1</sup> Alberto Caeiro é considerado o mestre de todos os heterônimos do poeta Fernando Pessoa. Nasceu em Lisboa, mas viveu quase toda a sua vida no ambiente rural. Não teve profissão, nem educação, só instrução primária; perdeu muito cedo o pai e a mãe. Vivía com uma tia avó. Morreu tuberculoso.

a composição deste texto e na criação das performances aqui analisadas.

Na performance duracional “Em busca do título de mestre”, 2005-2007, apresentamos a produção do artista ZMário em contraposição à atividade do pesquisador/autor José Mário, e nos deparamos com as dificuldades inerentes à análise do próprio trabalho. Quando elegemos nosso objeto de estudo no curso de mestrado, iniciamos uma performance que durou o tempo em que nos dedicamos à essa pesquisa – do seu início até o momento final da defesa. Nesse percurso, ler, pesquisar e escrever sobre performance foram muito mais que atividades acadêmicas, também, representaram uma performance cotidiana na vida do artista/pesquisador. A análise desse objeto artístico, que é o próprio corpo do autor em performance, denunciou a dificuldade em manter o distanciamento acadêmico e expressou a vontade de escrever de forma mais poética, através da utilização de estratégias linguísticas como o constante cambio da pessoa do discurso: eu, José Mário, pesquisador; eu, ZMário, artista. O “sujeito-objeto”, agente e produto da criação, ora explicitou ora escamoteou sua identidade/subjetividade ao longo da análise da sua própria obra.

Para um melhor entendimento de como tal processo de pesquisa foi desenvolvido na esfera prática, apresentaremos, em seguida, imagens e trechos que compõem a performance duracional “Em busca do título de mestre”, 2005-2007 – sobre as respectivas performances autobiográficas apresentadas pelo autor/artista durante o curso de mestrado em artes visuais.

Quem? Eu? Sobre o meu trabalho? A minha poética? Por que faço arte? Por que faço performance? Por que ingressei na Escola de Belas Artes? Por que resolvi pintar e fazer gravura com meu próprio corpo? Por quê? Como diria meu colega performer Tuti Minervino, citando Alex, aquele personagem do filme *Laranja Mecânica*, de Stanley Kubrick: *Well, Well, Well...*

E por muito tempo “[...] hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento [...]” (ASSIS, 1998, p.17) ou minha derradeira performance antes de defender a mim mesmo em território acadêmico.

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. (HALL, 2005, p.38).

Ao contrário de Brás Cubas, em suas memórias póstumas, começarei pelo meu nascimento. Nasci na cidade de Jequié, sertão baiano, numa noite em que o calor aguava os corpos em suor. No entanto, daquela cidade tenho somente a recordação dos tapinhas de Dr. José Mário quando me puxou do ventre materno e disse: “– Vai, José Mário, filho de Maria e Antonio, ser diferente na vida!”<sup>2</sup>

O artista, em entrevista concedida em sua residência (ZMÁRIO, 2007), nos revelou o quanto é difícil recordar seu passado. Gosto mais das histórias que apontam para o futuro da humanidade ou para dentro de si mesmo como as aventuras do

<sup>2</sup> Numa referência ao Poema de Sete Faces, de Carlos Drummond de Andrade: “Quando nasci, um anjo torto desses que vivem na sombra disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida [...]”. (ANDRADE, 1988).

universo de *Matrix* ou os devaneios musicais de *Selma*, heroína de Lars Von Trier, no filme *Dancer in the dark* (admiro cada vez mais aqueles que gostam de pesquisar em periódicos e livros antigos das bibliotecas, usando aquelas luvas cirúrgicas e máscara protetora – sinto falta da minha arte).

Nós somos **artistas!** (Eu e ele, José Mário). Ainda vou pesquisar a etimologia dessa palavra (em negrito, fonte Arial, tamanho 11) apenas para ver se tem a ver comigo. Eu? Nós? “[...] Não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados”. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.11).

23/04/07. 23h:40min. Vou parar um pouco, tomar um café, para logo mais concluir outro capítulo, estou cansado, meu corpo reclama em dores como num esgarçamento em que minhas reflexões e dúvidas me cortam em pedaços e me lançam frente a um abismo na busca de me reconstituir. Tornou-se impossível controlar meu sono.

Às vezes, me percebo assim: meio fragmentado, querendo ser um todo, mas sendo apenas uma parte desse todo que almejo. Daí, minhas primeiras e todas as obras (impressões, objetos artísticos, ações e performances) buscarem a reconstituição desse eu/corpo fragmentado.

Em princípio, a visão do corpo dividido produz uma angústia de morte que conjuramos, restabelecendo mentalmente sua forma global, como se a reconstituição imaginária da unidade corporal respondesse à própria regra da especularidade. Somos levados a crer que a parte possa ser tomada pelo Todo, mas a visão do corpo desmembrado impõe o fato de que a parte é em si – e já – um Todo. (JEUDY, 2002, p. 98).

24/04/ 07, 01h:01min. Preciso acordar às 6h para dar aulas.

ZMário disse que é muito difícil falar sobre sua produção artística, transformando sua obra em material para análise científica, e seu próprio ser em objeto de pesquisa (percebemos que a dificuldade apresentada está na abordagem dos conteúdos, que são bem íntimos e pessoais). Nós exploramos conteúdos autobiográficos em performances – situações do cotidiano, nossos dramas individuais, nossos papéis sociais e profissionais como professor, filho, homem, artista, pesquisador, amigo, amante, aluno, outros, outros eus (talvez, o que tornamos visível seja aquilo o que mais queremos esconder em nós – contradições dos vários eus presentes).

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”. (HALL, 2005, p.13).

Gostaria de escrever um texto, ou melhor, um livro para mim mesmo (e para quem interessasse) sobre o meu corpo, com a utilização de meu próprio corpo. Um capítulo capilar. Tenho aquele desejo de colecionar e fixar sobre páginas de um livro em branco meus próprios pelos: do tórax, das axilas, das pernas, das narinas, pubianos – fazer taxonomia de mim mesmo – relembrar meu passado pueril de cole-

cionador de selos, moedas, chaveiros, cartas, revistas em quadrinhos (agora, coleteo, separo, classifico e guardo papelada de artistas performáticos em envelopes pardos). Num outro capítulo, mais líquido e corrente, ofereceria aos leitores meus próprios fluidos: um subcapítulo vermelho sangue; outro transparente, com manchas de suor. Gostaria de levar ao leitor a matéria de mim mesmo, o que me mantém vivo, e denunciar que na estranheza do sistema humano, todos nos unimos na mesma dinâmica da espécie. "A arte do fluido do corpo serve como uma perfeita metáfora para a ruptura das velhas classificações de beleza e de feiura, de normal e de anormal, de real e de ideal, e, de maneira mais profunda, de raça". (NAISBITT, 2000, p. 241).

Escreveria um texto, um subcapítulo de dissertação ou um livro que representasse meu corpo texturizado, "cartografado", em relevo, com fragmentos de unhas ou peles mortas para ser tocado por aqueles que se aventurassem ao sabor e odor de tal literatura, que dispensassem luvas de látex em tempos de pavor e morte. Esse meu livro-corpo, aguardaria (desesperadamente) ser lido/tocado, um(a) toque/leitura atento(a) interessado(a), com desejo mal controlado. Este é o ideal do corpo de meu texto: meu corpo exposto e aberto à leitura.

O ideal de um livro seria expor toda coisa sobre um tal plano de exterioridade, sobre uma única página, sobre uma mesma paragem: acontecimentos vividos, determinações históricas, conceitos pensados, indivíduos, grupos e formações sociais. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.17-18).

24/04/07, 09h:45min. Estou lutando contra o tempo, uma pausa para mais um café. A pausa do café é sempre recheada de prazer e dor. O momento em que penso sobre o que já fiz, o que gostaria de fazer, o indefinido do meu futuro e onde está o ponto final.

É realmente muito difícil escrever sobre nossa própria vida e obra, ou melhor, sobre meu próprio trabalho. Então, caro leitor, propomos o seguinte: uma abordagem do momento atual em minha vida, transformando minhas ações em obra. Assim, gostaria que o desenvolvimento da minha dissertação/deste texto fosse compreendido como uma longa performance de dois anos e meio, vivida vinte e quatro horas por dia, em que me dediquei a ler, pesquisar e refletir sobre meu objeto de pesquisa. Em cada momento marcante desse processo, criei uma imagem-síntese que significasse a complexa relação do meu corpo com o conhecimento que lutava em adquirir. Denominei a longa performance de "Em busca do título de mestre", 2005-2007, e a dividi em três momentos: "Embasamento" (2005), performance (Figuras 1 e 2); "Com a performance na cabeça ou o peso do conhecimento" (2007), performance/intervenção urbana (Figuras 3 e 4) e "O dia do despacho" (2007), ação (Figuras 5 e 6). Partirei do conteúdo que segue em forma de fichas – como aquelas utilizadas no mapeamento dos demais artistas performáticos para, logo em seguida, chegar à análise desses trabalhos.

Comecei a viver em tantos lugares e em tantas horas diferentes da nossa época, que não sei por onde começar: se pelo grande ou pelo pequeno, pelo de dentro ou pelo de fora, se pelo casaco ou pelo coração. Tudo vai fundido dentro da gente, fora da gente, as vidas e os nascimentos, fazendo um círculo de folhas, de lágrimas, de conhecimento, de lembranças. E a vida de um homem é como a existência de um dia. (NERUDA, 1988, p.151).

## Em busca do título de mestre

A performance “Em busca do título de mestre” começou quando fiz a inscrição para a seleção para o mestrado. Ali, comecei a viver as primeiras angústias diante das dúvidas e decisões que eu tinha que tomar. Teoria ou prática? ZMário, artista performático, sempre dedicado às ações, conseguiria afastar-se da manufatura e concentrar-se em teorias durante dois anos? Meu corpo já reagia com os primeiros sinais de que a dúvida dói tanto quanto um cravejamento no centro dos punhos. A decisão veio da necessidade de compreender melhor as alterações corporais em mim diante do mundo, e de como este precioso invólucro pode expressar as mais complexas ideias e mensagens. A leitura corporal é compreendida facilmente por todos, pois este alfabeto é construído desde que começamos a nos perceber no mundo e a entender nossa relação com o outro. Teoria. É disto que precisava. Aprofundar meus conhecimentos na linguagem artística que escolhi para expressar-me. A busca pelo título de mestre começou pelo empenho em adquirir conhecimentos, conhecer a história dos artistas da performance e compreendê-la perante as reflexões contemporâneas, buscando relações com aspectos de uma sociedade cada vez mais difícil de apreender em sua multiplicidade – descobri o quanto pesa essa busca. Minha ansiedade era crescente, acompanhada de insônia, que resultava em dias doloridos. O peso desta ação tornava-se incômodo. Os livros e artigos lidos ficavam acumulados nos cantos da casa, cada vez mais próximos de mim, da minha cama, do meu nariz até me sentir sufocado, sem respiração, completamente e arriscadamente pesando sobre meu corpo, que respondia com as falhas de um motor com gasolina adulterada. Sem força, falhando, em movimentos curtos, mas em movimento. Carregava livros para lá, livros para cá. Livros que cresciam e convidavam-me a entrar no mundo de Alice para descobrir o que estava lá no fundo e quem sairia de lá. Que ZMário seria resgatado depois da luta contra o relógio de um coelho que não parava de dizer que o tempo passa a cada segundo. Que dor! Surgiu daí a primeira imagem para a performance “Embasamento”.

### **FICHA 1:** ARTISTAS PLÁSTICOS QUE JÁ UTILIZARAM OU UTILIZAM O PRÓPRIO CORPO EM PERFORMANCE NA CIDADE DE SALVADOR

Integra a pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFBA pelo mestrando José Mário Peixoto Santos entre 2005 e 2007

Artista: ZMário

Naturalidade: Jequié - Bahia

Título da performance: Embasamento

Duração: três horas, aproximadamente

Cidade: Salvador-BA; Local: Biblioteca Pública - Barris. Ano: 2005

Autoria dos registros: Marco Paulo Rolla

Descrição, materiais e equipamentos utilizados, comentário:



A ação consistiu na construção de uma coluna com livros, periódicos, apostilas e textos diversos relacionados ao estudo da performance. O artista buscou o equilíbrio sobre a pilha de livros, usando protetor para ouvidos; lápis; fichas de papel; enquanto tentava escrever um dos capítulos de sua dissertação sobre a arte da performance na cidade de Salvador, Bahia – seu objeto de pesquisa no mestrado em artes visuais da Escola de Belas Artes-UFBA. Com essa ação, pretendeu estreitar as fronteiras entre arte-vida, artista-obra, sujeito-objeto em sua produção, utilizando a metalinguagem como recurso (a ação de, em performance, escrever sobre a arte da performance). Durante a apresentação, no Festival de Vídeo Imagem em Cinco Minutos, em SalvadorBA, o artista mastigou textos lidos durante o curso de pós-graduação e, também, criou desenhos estilizados da coluna vertebral numa referência ao corpo cansado após as várias tentativas na busca do equilíbrio sobre a coluna de livros.

Participação do público: ( ) não ( X ) sim. Qual? Apreciando os livros expostos, perguntando sobre a venda dos mesmos. Alguns estudantes torciam para que o artista caísse da pilha formada por livros.

Contato do artista (e-mail): [artezmario@hotmail.com](mailto:artezmario@hotmail.com).

Publicar e-mail: sim ( X ) ( ) não

Autorização: Eu, ZMário, autorizo a publicação do conteúdo deste documento (texto e imagem). O envio desta ficha implica no consentimento para a publicação destas informações.

Cópia dos dados desta ficha em: [www.zmario.nafoto.net](http://www.zmario.nafoto.net)

Enviar para: [perfocorpo@yahoo.com.br](mailto:perfocorpo@yahoo.com.br)

## Embasamento

Juntei dezenas de livros, artigos, entrevistas que li, bibliografias das disciplinas já cursadas como créditos obrigatórios, e os levei até à Biblioteca Central, Barris, prédio da Fundação Cultural do Estado da Bahia. Simbólico, sim! Construí uma coluna, frágil, irregular, sustentada em letras, reticências, interrogações. As pessoas passavam curiosas para saber do que se tratava sem que pudessem imaginar que ali eu estava configurando minha escalada, passo a passo, livro a livro, na minha meta de aprofundar meus conhecimentos em performance e tornar-me mestre. A coluna era instável, balançava ao vento. O seu tremular era o mesmo do meu corpo ainda ao chão. Coloquei um protetor para ouvidos e me anulei no meu silêncio. Subi. Com muito esforço, subi. Descobri a dificuldade em permanecer lá em cima. Rapidamente, retirei do bolso lápis e papel e rabisquei imagens que remetiam ao que eu mais sentia em mim naquele momento: coluna vertebral. Caí. Muitas vezes, caí. A dificuldade aumentava à medida que o tempo passava. Meu corpo já não respondia ao meu comando. As pessoas que passavam na rua sentiam um prazer especial a cada vez que a coluna desmoronava e eu ia ao chão. Reconstruía tudo outra vez. E mais desenhos de colunas. "Colunas-livros". Tudo se misturava. O público passante gritava a cada queda. Nesse momento, meu silêncio era interrompido. Tornou-se expectativa e suspense



quanto tempo eu ficaria no topo. Novos gritos. Nova coluna. Nova queda. As horas passavam. Uma hora. Duas horas. Três horas. Nova queda, novos gritos. Mais "colunas-livros". Meus pés doíam, minhas pernas tremiam, sentia minha verdadeira coluna partir e desmoronar como que seguindo o exemplo dos livros. Meu corpo suave e exalava um calor vindo de dentro para encontrar com o calor do sol, que castigava ainda mais. Novos gritos e palmas. Um rapaz, em cadeira de rodas, acompanhava a tudo desde o início, incansavelmente. Eu o observei e ele parecia entender minha dor, meu esforço. Atento. Parado. Não gritava. Olhava. Os desenhos de "colunas-livros" iam aumentando. Quatro horas. Não conseguia mais escalar a montanha. A dor chegou a uma intensidade que necessitei decretar o fim da ação. Novos gritos e palmas. O rapaz em sua cadeira de rodas veio até perto e parabenizou-me. A imagem se apresentava para cada um. As minhas dores de pesquisador, de artista, de questionador, de quem caminha querendo chegar, estavam ali, ainda nos primeiros fragmentos. Recolhi meus livros, coloquei-os em uma sacola e fui para casa andando, carregando junto ao meu corpo, meu tesouro, parte de mim, agora mais do que nunca. Tudo o que estava ali dentro da sacola estava também em minha cabeça. Transpirava por todo o meu corpo. Eu sentia nitidamente algumas interrogações saindo de mim, caindo no chão e ficando para trás.



Fig. 1 e 2 . ZMário. Embasamento. Performance. 2005. Fotos: Marco Paulo Rolla. Acervo pessoal do artista.

## **FICHA 2:** ARTISTAS PLÁSTICOS QUE JÁ UTILIZARAM OU UTILIZAM O PRÓPRIO CORPO EM PERFORMANCE NA CIDADE DE SALVADOR

Integra a pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFBA pelo mestrando José Mário Peixoto Santos entre 2005 e 2007

Artista: ZMário

Naturalidade: Jequié - Bahia

Título da performance/intervenção urbana: Com a performance na cabeça ou o peso do conhecimento

Duração: trinta minutos, aproximadamente

Cidade: Salvador-BA; Local: Praça da Piedade - Centro

Ano: 2007

Autoria dos registros: José Carlos H. Espinoza

Descrição, materiais e equipamentos utilizados, comentário:

O artista saiu da sua residência em direção às ruas do centro da cidade, Praça da Piedade, Salvador, Bahia, carregando sobre sua cabeça livros sobre a arte da performance, referências utilizadas durante sua pesquisa no mestrado em artes visuais da Escola de Belas Artes-UFBA. ZMário buscou, mais uma vez, experimentar aquela sensação entre o equilíbrio e o desequilíbrio (físico e psicológico) enquanto caminhava com os livros sobre a cabeça pelas ruas. A imagem do artista/pesquisador em ação remete ao esforço mental e, também, físico na apreensão e análise de um objeto de pesquisa, qualquer que seja ele, e de como essa busca pode ser fonte de prazer e também de sofrimento.

Participação do público: ( X ) não ( ) sim. Qual?

Contato do artista (e-mail): artzomario@hotmail.com

Publicar e-mail: sim ( X ) ( ) não

Autorização: Eu, ZMário, autorizo a publicação do conteúdo deste documento (texto e imagem). O envio desta ficha implica no consentimento para a publicação destas informações.

Cópia dos dados desta ficha em: [www.zmario.nafoto.net](http://www.zmario.nafoto.net)

Enviar para: [perfocorpo@yahoo.com.br](mailto:perfocorpo@yahoo.com.br)

### **Com a performance na cabeça ou o peso do conhecimento**

A minha busca em entender melhor a produção de performance em Salvador, Bahia, nas últimas décadas, e compreender a imagem do corpo como figura fundamental na composição "quadridimensional" dos artistas visuais me levava cada vez mais longe, mirando num horizonte que parecia não ter fim. Precisava, desesperadamente, atravessar o arco-íris e achar o pote de ouro, cheio de respostas às minhas perguntas. Comecei meu caminho de aprendiz performático, de pesquisador, e de entendedor de mim mesmo. A performance sempre fala muito de nós mesmos. Mais e mais livros. Algumas questões respondidas e outras se abriam me deixando em sufreguidão. E a pergunta que não calava: acharei as respostas que busco? Minha cabeça não parava de pulsar em empolgação com as novas descobertas e as novas questões que voltavam a me torturar. O meu suor tornou-se parte dos meus papéis. Minhas anotações serviam de mata borrão para uma mão úmida que insistia em deformar letras, palavras. Percebi que meu esforço físico fazia parte da trilha que eu

estava percorrendo. Água. Água. Era necessário repor meus líquidos que foram transmitidos, através do teclado para a escrita, numa tentativa de tornar minhas ideias mais fluidas. Extensão venosa condutora do meu sangue numa circulação de leva e traz que me estimulava com toda vitalidade. Não saía da minha cabeça aquele peso. Outra vez, juntei todos os livros que tratam especificamente da arte da performance e os empilhei. Agora não mais sob meus pés, mas sobre a minha cabeça. Segurei com as duas mãos. Braços completamente esticados para agarrar a coluna por completo. Um esforço que adormecia dos ombros aos dedos. O peso sobre a cabeça me doía o pescoço, mas com certeza facilitaria entrar todo o conhecimento, como minha professora primária dizia: “– Vou abrir a cabeça de vocês e colocar tudo lá dentro!”. Saí de casa segurando minha nova coluna sobre a cabeça em direção ao centro da cidade. O sol parecia querer colaborar, sempre! Encharcava minha pele de suor, fluido condutor entre meu corpo e o mundo. Vaguei pelas praças, sentei, levantei, passei despercebido, ao contrário da minha outra coluna, a dos pés, e compreendi que aquele peso era somente meu, de mais ninguém. Circulei pelas ruas durante trinta minutos, tempo suficiente para sentir que, daquela vez, a dor descia pelo meu pescoço, passava pelos meus ombros e escorregava pela coluna. Circuito inverso ao da dor sentida durante a escalada da outra coluna sob os pés, quando a dor subiu pelos calcânhares, atingiu as pernas e chegou às vértebras. Uma era a base, alicerce. A outra, a edificação. A minha dor era acompanhada do prazer de estar vivenciando meu objeto de pesquisa, explorando-o por dentro e por fora. Retornei para casa fragmentado e de corpo aberto, sentindo a implosão dos vários eus que me compõem em todo. Meus livros voltaram diferentes, transformaram-se.



Fig. 3 e 4. ZMário. Com a performance na cabeça ou o peso do conhecimento. Performance/intervenção urbana. 2007. Fotos: José Carlos H. Espinoza. Acervo pessoal do artista.

**FICHA 3: ARTISTAS PLÁSTICOS QUE JÁ UTILIZARAM OU UTILIZAM O PRÓPRIO CORPO EM PERFORMANCE NA CIDADE DE SALVADOR**

Integra a pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFBA pelo mestrando José Mário Peixoto Santos entre 2005 e 2007

3. Artista: ZMário

Naturalidade: Jequié - Bahia

Título da performance/ação: O dia do despacho

Duração: trinta minutos, aproximadamente

Cidade: Salvador-BA; Local: Escola de Belas Artes - UFBA, Canela

Ano: 2007

Autoria dos registros: Edgard Oliva

Descrição, materiais e equipamentos utilizados, comentário:

Após caminhar pelas dependências da Escola de Belas Artes com os sete exemplares de sua dissertação sobre a cabeça, o artista entregou esse material à coordenação do Programa de Pós-Graduação da Escola de Belas Artes-UFBA.

Participação do público: ( ) não ( X ) sim. Qual? Participação da coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes, profa. Dra. Maria Virginia Gordilho Martins, registrando o despacho dos exemplares da dissertação.

Contato do artista (e-mail): [artezmario@hotmail.com](mailto:artezmario@hotmail.com).

Publicar e-mail: sim ( X ) ( ) não

Autorização: Eu, ZMário, autorizo a publicação do conteúdo deste documento (texto e imagem). O envio desta ficha implica no consentimento para a publicação destas informações.

Cópia dos dados desta ficha em: [www.zmario.nafoto.net](http://www.zmario.nafoto.net)

Enviar para: [perfocorpo@yahoo.com.br](mailto:perfocorpo@yahoo.com.br)

### **O dia do despacho**

Ao longo da minha pesquisa, tive a oportunidade de conhecer melhor a produção baiana de performance, em três décadas, e acompanhar os diferentes momentos dessa história; perceber as reflexões das diferentes gerações de artistas performáticos, além de acrescentar em mim mesmo um pouco de cada um, cada fala (conhecimento precioso dado a mim como um presente dos deuses, arrumado em um prato de barro, de cantinho a cantinho, que digeri com prazer, usando as mãos). Parecia difícil me afastar dos meus livros e entrevistados. Sintetizar todas as informações e transformar tudo aquilo em minha dissertação, imprimindo em suas páginas partes de mim, que ficaram ali registradas em minhas impressões, meu sangue, meu suor. Era a minha maior gratidão por todos os presentes que recebi de cada artista que me recebeu como amigo, num gesto que me emocionava e ampliava minha responsabilidade por devolver a todos e ao mundo, meu prato, minha oferenda. Ogum, meu orixá guerreiro, dono dos caminhos, me conduziu nos estreitos, abrindo os obstá-

culos com facção. Fui seguindo confiante que o que vem da natureza a ela deve retornar. Chegou a hora. Tremi somente em pensar. Preparei minha oferta com muito carinho. Os filhos devem seguir seus caminhos e se multiplicarem. Vou entregar os sete exemplares de minha dissertação. Muito alívio e muita dor. E agora? O que vou fazer amanhã? Arrumei cuidadosamente cada encadernação, sentindo em minhas mãos os momentos mais estranhos de todo este processo. Em mim, por dentro, um silêncio absoluto se estabeleceu, o que me permitia ouvir meu coração bater como atabaques em dia de festa. Empilhei um exemplar sobre o outro, protegendo a pilha que se formava com todo o cuidado. Equilibrei o volume sobre a minha cabeça (como faziam, na minha infância, as lavadeiras do rio Jequiçá). Saí de casa e fui para a Escola de Belas Artes caminhando. Era o momento da despedida. Um trajeto que, embora fosse perto, nunca pareceu tão longe. Entrei pelo portão. Livros sobre a cabeça que chamavam a atenção e causavam interrogações nos estudantes e professores encontrados. Estava ali tudo o que fui capaz de exprimir sobre a performance em Salvador. O peso já não parecia tão grande, talvez, pela expectativa do alívio iminente. Circulei por toda a área da grande escola, exibindo com orgulho o presente que recebi e que, naquele momento, passava adiante para que todos pudessem dividir comigo aquele prato interminável a ser arriado na biblioteca. Subi as escadas e me dirigi à coordenação do mestrado para passar minha oferenda às mãos daqueles que determinariam seu destino final.

Passei a outras mãos a minha criança  
e junto foram  
minha voz  
meu coração  
meu fazer  
meu sentido.

Recebi de volta um sorriso de satisfação  
que deveria completar o meu  
mas a dor do vazio não me permitiu sorrir.

Um beijo selou os segundos finais da separação  
eu compreendi melhor o que ouvi  
no dia que escapei do ventre da minha mãe:  
Vai, Zé Mário, ser diferente na vida!



Fig. 5. ZMário. O dia do despacho. Foto: Edgard Oliva. 2007.  
Acervo pessoal do artista.





Figura 6. ZMário. O dia do despacho. Documento/ação. 2007.

## Considerações finais

Décadas após as experimentações realizadas com o corpo pelos artistas das vanguardas históricas, a exemplo de Marcel Duchamp, a arte da performance, surgida entre as décadas de 1960 e 1970, retorna ao cenário artístico do final do século XX e início do século XXI. Neste momento em que o conceito de identidade é explorado em diversas produções artísticas e científicas, tempos de corpos esteticamente modificados e mediados por tecnologias, nota-se a recorrência da apresentação/representação do corpo associada a questões políticas, científicas e bioéticas.

Ao longo desta pesquisa, foi enfatizado o caráter essencialmente multidisciplinar da linguagem da performance e também a forma como o artista plástico utiliza o próprio corpo em mostras performáticas, dando ênfase à imagem apresentada em

sua multiplicidade e heterogeneidade. A ideia da construção de uma imagem numa performance se sobrepõe à utilização do texto e à construção de personagens tão comuns ao teatro, assim como se distancia da apresentação de movimentos em relação ao espaço tão essencial à expressão do dançarino. O artista/autor elegeu o gênero performance como meio de expressão por encontrar nele limites tênues e fronteiras diluídas entre as variadas técnicas ou linguagens artísticas tradicionais, além de apresentar uma complexa simultaneidade entre os signos explorados.

Os passos para a construção da performance “Em busca do título de mestre” foram aqui expostos de maneira descritiva e também poética num trânsito entre a academia e a rua. O artista/autor apresentou suas inquietações artísticas entre o fazer e o escrever sobre a própria obra, seu corpo em performance, para além do cubo branco (museus, galerias, instituições culturais etc.). Trata-se de aproximar arte e vida.

## Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.

ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Editora Ática, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 2. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

JEUDY, Henri-Pierre. **O corpo como objeto de arte**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

MEDEIROS, Maria Beatriz de. **Aisthesis: estética, comunicação e comunidades**. Chapecó: Argos, 2005.

NAISBITT, John. **Morte, sexo e corpo: o novo movimento da Specimen Art**. In: **High Tech. High Touch. A tecnologia e a nossa busca por significado**. São Paulo: Cultrix, 2000. p. 209-251.

NERUDA, Pablo. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora S. A., 1988.  
ZMÁRIO. ZMário (José Mário Peixoto Santos): depoimento [mai. 2007]. Salvador: Barris, 2007. Gravação em formato digital (55 min 9 s). Entrevista concedida ao autor.

Submetido em: 02/04/2018

Aceito em: 23/10/2019